

reflexões sobre

ARTEvisual

v.3 n.23 dezembro de 2022

Aberrações em Arte Visual.

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO



Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAAALC/UFMS, 09/08/21

Edição:

Reflexões Vol.3, No.23, dezembro 2022 – Aberrações em Arte Visual.

Campo Grande - MS

Periodicidade: quinzenal

Capa: Capa: Joel-Peter Witkin, “Primeiro estudo para Mulher sobre a mesa”, 1987. (detalhe)

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

Não é incomum que Obras de Arte mostrem alterações da aparência, forma e/ou estrutura daquilo que se vê no mundo natural ou nas imagens, sejam elas tomadas ou referenciadas ao mundo ou “imaginadas”. Para constatar isto, basta ver as figuras mitológicas fantásticas criadas ao longo da história humana. Contudo, enquanto proposição ou Categoria Estética as Aberrações estão presentes na Arte, como o Grotesco, sendo criadas e apreciadas.

A Arte Visual não tem qualquer obrigação de manter a reciprocidade entre o que se vê no mundo e o que cria. Tem toda a liberdade formal, expressiva, estética, conceitual ou ideológica, tais prerrogativas são princípios dos quais não se deve abrir mão, nunca! Não é a imitação, representação ou reprodução do visível que irá qualificar, valorar ou definir se uma Obra de Arte deve ou não ser reconhecida, mas sim a proposição conceitual e estética que a ampara no Sistema de Arte como um todo.

Pode-se dizer que, ao longo do tempo, muitas obras revelam um afastamento fortuito ou proposital do mundo natural em função de domínios ou habilidades técnicas, estéticas ou conceituais. A não conformidade na reprodução do visível pode ser, por um lado, resultante da deficiência técnica do autor, por não dominar habilidades de observação e representação e por isto as imagens não se parecem com o que se vê no mundo.

Por outro lado, podem não se parecer com ele simplesmente porque o autor se afasta do visível de propósito, intensifica, exagera formas e cores para aumentar o efeito expressivo da obra ou ainda por trabalhar com proposições que subvertem, deformam as imagens criando absurdos intencionais. Ambas são situações que justificam o afastamento do natural e nesta linha de raciocínio se justificam também as aberrações.

Há muito tempo e também na Arte atual há artistas que criam aberrações propositais nas imagens tornando-as grotescas, deformadas. Casos que podem chocar ou constranger os apreciadores provocando até mesmo estados de apreensão, asco e afastamento. Mas provocar, instigar reações e alterar estados de espírito por meio de reações inusitadas tem sido, desde a Modernidade, um elemento de sentido e significação presente em boa parte dos movimentos artísticos e, em especial, em algumas obras de Arte.

Contudo, nem sempre a deformação é nociva ou impeditiva, mas um meio visual de provocar impacto, interação, convencimento, promover experimentações e expressão e sentimentos. Provocar estados de ânimo intensos a ponto de constranger ou afastar as pessoas também é uma estratégia de produção de sentido. Em se tratando de Arte Contemporânea não se deve desprezar esta possibilidade, mas para lidar com isto sem preconceito é necessário conhecer um pouco mais esta tendência.

A imagem abaixo foi encontrada na caverna de Lascaux, na França. É uma representação pré-histórica. O que se depreende dela é uma narrativa que mostra um “acidente de trabalho” ou seja a morte de um ser humano numa caçada onde ele e o bisão foram mortos.



Não se pode dizer que esta imagem corresponda à uma figuração naturalista. Tanto o ser humano quanto o bisão parecem ser uma representação esquemática, uma síntese informativa, o que é “real” é seu sentido: a morte.

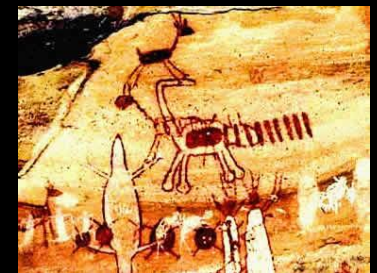
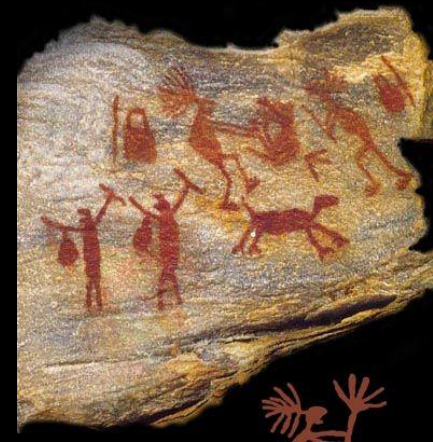


Pode-se dizer que a imagem anterior corresponde à “primeira reportagem” da história: alguém se preocupou em narrar algo acontecido, talvez para alertar ou simplesmente para rememorar o fato. No entanto, é possível entender a cena, mesmo que as imagens correspondam apenas em parte à visualidade que apresentam no mundo natural. Nesse caso a deformação não é proposital, mas circunstancial, pois importa mais a informação, o sentido proposto do que a reprodução dos efeitos de “realidade” da imagem.

Esquemas gráficos ou figuras esquematizadas são comuns no contexto pré-histórico tanto quanto no contexto atual. Nem todas as imagens são naturalistas.



Imagem da civilização Banda, a sudeste de Nova Delhi, Índia.



Imagens da Serra da Capivara, Raimundo Nonato, Piauí, Brasil.

O mesmo se pode ser dito de muitas figuras femininas que foram produzidas no período pré-histórico. A maioria delas não corresponde às figurações naturalistas que se habituou a ver no mundo. As chamadas Vênus pré-histórias são normalmente relacionadas à ritos e cultos de fertilidade, ou seja, imagens propiciatórias ou votivas destinadas a promover a expansão da espécie. É de se supor que os seres humanos não relacionassem sexo com reprodução, daí a necessidade de evocar o sobrenatural para prover a reprodução.

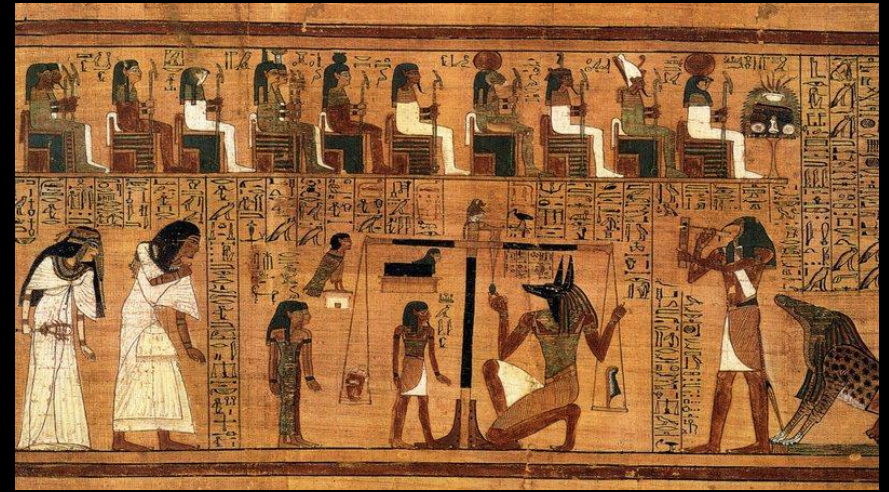


A chamada Vênus de Hohle Fels, mostra uma imagem de figura feminina “deformada”, mas percebem-se as qualidades maternas.



Como na Vênus de Willendorf, a primeira a ser descoberta, se parece um pouco mais com a figura humana.

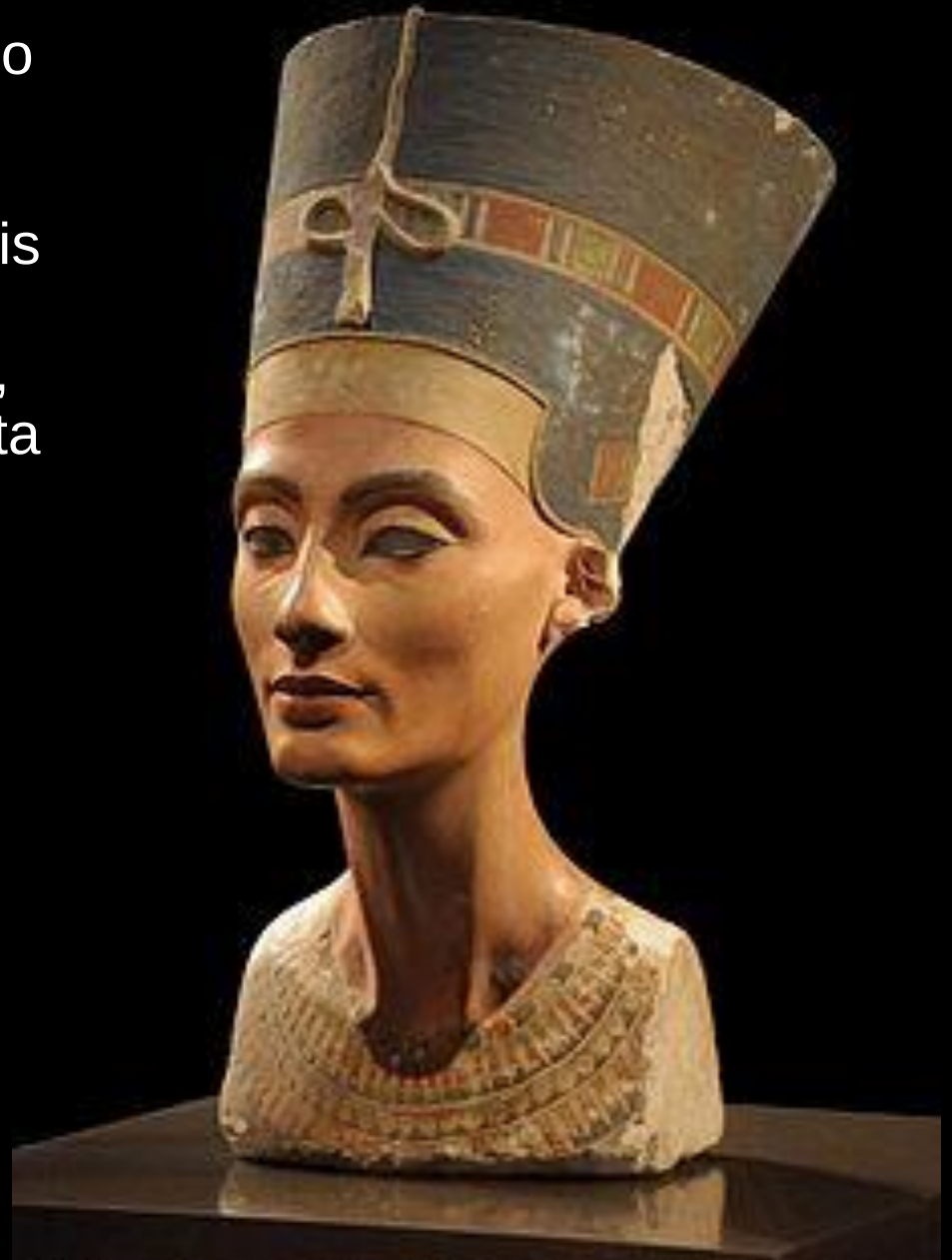
É comum encontrarmos representações humanas nas antigas civilizações. Não há dúvidas de que estas imagens se referem à figuras humanas, mas são representações estilizadas que, embora se refiram a ela, não as mostram com fidelidade. Tais imagens não reproduzem o ser humano como ele se parece, mas como são referenciados num contexto não naturalista e em geral ritualístico e espiritual no qual não é importante parecer como se vê, mas como são projetados num contexto sobrenatural ou simbólico.



Algumas imagens do Egito, acima e Sumerianos abaixo, como os Orantes, são produzidas por meio de representações esquemáticas, não naturalistas.



Antes de pensar que isto diz respeito a incapacidade de reproduzir o mundo natural como ele é, deve-se pensar que é um modo, uma estratégia, um procedimento, hábito ou costume, pois quando é necessário as representações são muito fidedignas, como os bisões pré-históricos na gruta de Altamira na Espanha ou a rainha Nefertiti no Egito.

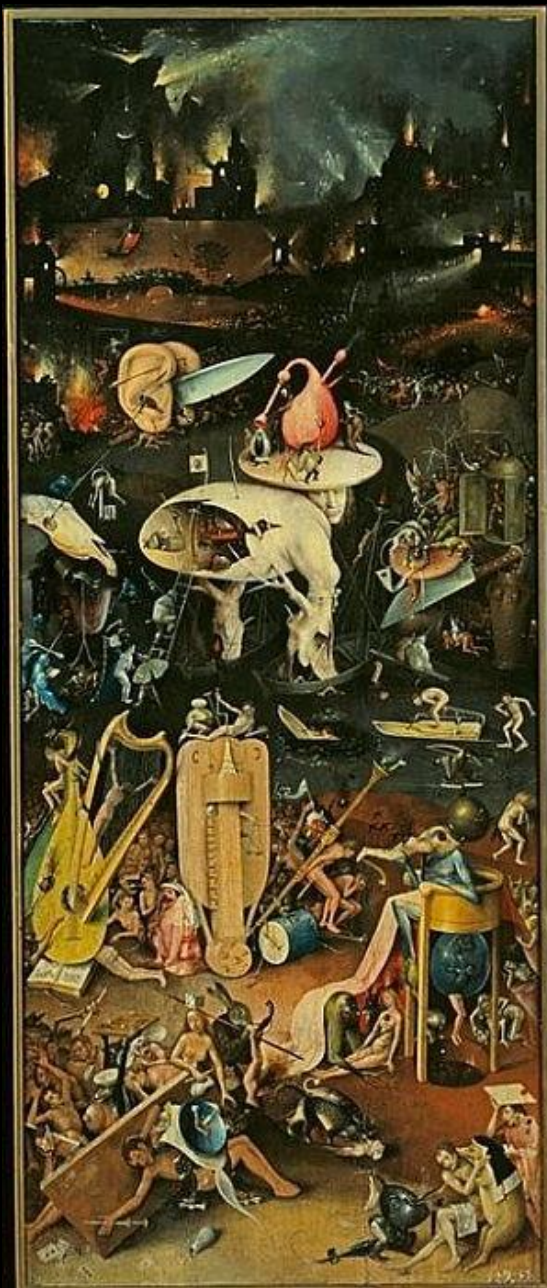


A História da Arte mostra imagens de vários períodos e nelas é possível identificar momentos em que as figuras não são necessariamente agradáveis ou naturalistas, mas grotescas e macabras como, por exemplo, o chamado Bestiário Medieval, como visto na Catedral de Notre Dame de Paris, as figuras evocam os pecados, o mal e as punições para os pecadores. A ameaça pelo medo é uma estratégia de dominação e um recurso de manutenção do poder.





Hieronimus Bosch, no Renascimento, desenvolveu um universo fantástico e repleto de “aberrações” e pecados. Uma de suas obras: “O jardim das delícias terrenas”, de 1480, revela isto de modo explícito.



Bosch, detalhes do painel lateral direito e central.

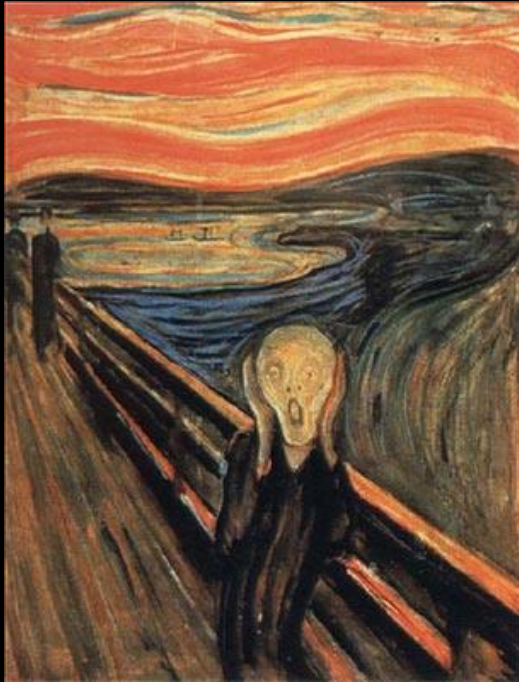


Bosch, Cristo no Limbo.

Deformar, criar anomalias é um meio de produzir sentido, impor ou intensificar a tensão, a emoção, gerar um estado de ânimo pesado, triste, decrépito. Algumas vezes para zombar ou ironizar a sociedade, a condição humana ou simplesmente o desgosto pessoal sobre o mundo, as coisas e a humanidade é um recurso válido para expressar intenções. Muitos artistas lançam mão deste recurso para desenvolver proposições mais intensas na sua relação com o público. Um bom exemplo disso são as Caricaturas e Charges de Honoré Daumier, artista francês que usou a deformação como ironia e crítica à política.



Daumier, *Gargantua* de 1831, mostra a exploração e insaciabilidade do poder.



No entanto, alguns artistas Modernos lançaram mão da estratégia de deformar, alterar a aparência das figuras humanas com o intuito de intensificar sua expressão e impor a elas uma certa densidade, quando não agressividade. Munch faz isto em “O Grito”, Anita Malfatti, faz isto em “A Louca” e Portinari em “Retirantes”

Picasso, em “Guernica”, no Cubismo, também explora a “deformação” como um recurso expressivo, portanto, deformar não é um erro ou um mal, é uma estratégia de sentido e significação. Isto se intensifica com a Modernidade, o Modernismo e se expande para a Pós-Modernidade e para a Arte Contemporânea.



Recorrer às aberrações pode ser também um modo simbólico ou metafórico de mostrar ou revelar o lado obscuro das pessoas ou da humanidade. A Aberração ou o *Teratismo*, de onde vem *terror*, é o termo grego que se refere aos monstros, às monstruosidades. De onde vem o termo Teratologia usado nos estudos das anomalias e alterações fisiológicas. Embora seja um recurso de intensificação de valores e qualidades conceituais, temáticas ou críticas, pode ser também uma proposição estética. Pode-se pensar então que se refere a uma categoria estética, a da Aberração que, em última instância, explicita o lado mórbido do ser humano.

Um dos artistas que recorre a este processo de modo intenso é *Joel-Peter Witkin* (1939), fotógrafo norte-americano que atuou como fotógrafo de guerra entre 1961 e 1964, no Vietnã. Em 1974 formou-se bacharel em artes na Cooper Union em Nova Iorque. Suas obras fotográficas lidam com o grotesco, o macabro, as mutilações, aberrações, alterações congênitas, hemafrditismo, amputações e necrografia.

Nada muito agradável de se ver, suas obras não são para os fracos...



Joel-Peter Witkin, Rosto de uma mulher, Marselha , 2004



Joel-Peter Witkin, Deuses da Terra e do Céu, Los Angeles , 1998



Joel-Peter Witkin, *Ainda vida*,
México , 1992



Joel-Peter Witkin, *Anna Akhmatova* ,
1998



Joel-Peter Witkin, Mulher de chapéu azul, 1985



Joel-Peter Witkin, Mulher em uma mesa, 1987



Joel-Peter Witkin, Las Meninas,
1987



Joel-Peter Witkin, Picasso dos
disparates, 1987

<http://www.artnet.com/artists/joel-peter-witkin/>

Outro nome que surge nesse contexto inusitado das anamorfoses anatômicas é de *Patrícia Piccinini* (1965). Artista australiana que trabalha "consequências inesperadas", em torno da ideia de bioética e suas distopias. Seres inusitados poderiam surgir a partir de supostas manipulações genéticas como: The Listener:



The Carrier.





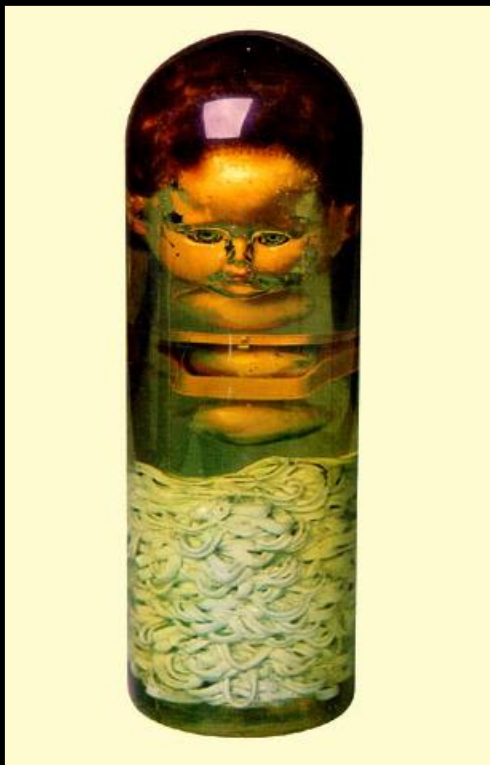
Patrícia Piccinini, The long Awaited.

<https://www.rfstudiofx.com/patriciapiccinini>

Um dos escultores brasileiros que se aproximou desse contexto foi *Farnese de Andrade* (1926-1996). Realizava suas obras se apropriando de materiais encontrados construindo espécies de relicários ou oratórios em que as imagens eram remontadas, articuladas, re combinadas de maneira não usual destituindo-as de suas formas originais e criando figurações inusitadas e fantasiosas quebrando tanto a origem do material recolhido como os sentidos gerados a partir das novas combinações, não chega ao universo grotesco mas é fantástico.



Farnese de Andrade, Relicário, 1985.



Farnese de Andrade,
Viemos do Mar, 1978.



Farnese de Andrade, O
oratório do demônio, 1976.

Para voltar aos estágio das aberrações e do grotesco pode-se recorrer a *Berlinde De Bruyckere* (1964), artista belga que se dedica à escultura em vários meios, incluindo cera, madeira, lã, pele de animais e cabelo em busca de “efeitos de realidade” sem que, de fato, fale de coisas do mundo natural. Ao lado, a obra *Marthe*:





Berlinde De Bruyckere, Elephant.



Berlinde De Bruyckere,
S.M.A.K.



Berlinde De Bruyckere,
La femme sans tête.

No Brasil pode-se recorrer a *Monica Piloni* (1978). Estudou na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Seus trabalhos utilizam figuras femininas a partir de manequins e bonecas nos quais o corpo humano é reorganizado por meio de adaptações, replicações tornando-o disforme, estranho e mórbido.





Monica Piloni

<https://scene360.com/art/100689/monica-piloni/>

Bem, a questão da Aberração, do Grotesco ou das situações em que a Arte foge da realidade e, ao mesmo tempo, a mantém sob guarda ou controle da visualidade é uma das maneiras que alguns artistas optam por usar como recurso de criação. Nem sempre tais obras são aceitas sem reservas ou estranhamento, no entanto, é justamente essa atitude que os motiva a criar e, conseqüentemente, estimula o público a aceitar ou rechaçar tais obras. Enfim, criar é isso.

É preciso olhar com vagar e não fugir do estranho e inusitado por causa do horror, espanto ou mesmo a aversão que algumas obras causam. É necessário ir além do impacto inicial e tentar entender tanto a proposição do artista e as possibilidades de relações ou metáforas construídas por meios das Aberrações. Pare, olhe e pense, quem sabe a Arte não está desafiando sua sensibilidade?

Por isso reforço sempre:

Em arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma.